

A REFERÊNCIA PESSOAL E NEGATIVA DO DEMONSTRATIVO *ISSO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Jaqueline Lucchesi Dias ¹

RESUMO

O conjunto dos pronomes demonstrativos no português brasileiro apresenta itens com morfemas associados à expressão de gênero gramatical: (*este, esse, aquele* – masculino; *esta, essa, aquela* – feminino) e itens sem tais morfemas (*isto, isso e aquilo*) considerados, por alguns gramáticos, remanescentes do neutro latino (cf. CÂMARA JÚNIOR, 1979; ALMEIDA, 1998; LEGDWAY, 2012), cujo papel seria retomar elementos com traço [-humano] e retomadas sentenciais. Entretanto, ocorrências como (i) “Quem é *esse* assassino? Ou melhor, o que é *isso*? Porque *isso* não é gente!” contrariam tal postulação. O *isso*, em contextos como em (i) relaciona-se a referentes com traços [+humano], mediante um traço neutro de gênero, o que possibilita a referência pessoal com o efeito de valor negativo. Essa leitura negativa parece ser o resultado de uma interface sintático-discursiva, pois tal efeito se restringe a (a) contextos pragmáticos específicos e (b) contextos em que se pode substituir um pronome pessoal. Consequentemente, *isso* reflete um comportamento sintático diferente dos outros demonstrativos e pode substituir o núcleo de um determinante (DP) inteiro, com uma retomada eventiva em vez de puramente nominal. Aqui, busca-se discutir como *isso* com leitura pessoal de efeito com valor negativo é licenciado, como no exemplo em (i), e quais os contextos de produção desse fenômeno e as formas possíveis, através de uma tipologia de traços, de analisa-los.

Palavras-chave: Sintaxe Gerativa. Traços Phi. Interface sintático-discursiva.

1 INTRODUÇÃO

Ao tomar como modelo apenas as prescrições das gramáticas normativas para a distribuição do demonstrativo neutro *isso*, sua leitura estaria restrita a retomadas sentenciais, uma vez que tais pronomes não poderiam referenciar seres animados que possuam algum gênero gramatical ou biológico, já que, para exercer tal função, há as suas formas com morfemas associados à expressão de gênero gramatical *esse* e *essa*, formas masculina e feminina, respectivamente. Entretanto, a sua produção pode ir além desses contextos e trazer outros significados.

Ao utilizar o *isso* para referência pessoal, uma carga semântico-pragmática depreciativa, pejorativa ou irônica pode ser ativada. A alternância de gênero marcado para gênero não marcado parece trazer consigo outros significados, onde a substituição de *isso* por

¹ Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia; Mestranda em Linguística, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Atualmente participa do projeto intitulado Sintaxe-phi das Línguas Naturais, sob orientação do coordenador do projeto, Prof. Dr. Danniell da Silva Carvalho. Contato: jaquelucchesi@gmail.com

essa demonstra uma progressão na leitura pejorativa da sentença, ou seja, desencadeia uma avaliação negativa, como em (2):

(1) Quem é *essa* com quem você está saindo?

(2) Quem é *isso* com quem você está saindo?

Ao fazer um levantamento de pesquisas sobre o uso do demonstrativo *isso* para referenciais animados, não foram encontrados trabalhos que tratassem o tema de forma mais aprofundada, apenas menções sobre a arbitrariedade com a noção de gênero no português brasileiro (cf. CÂMARA JR., 1973, p.78) e um impasse acerca do gênero neutro dentro da categoria do pronome demonstrativo (cf. BECHARA, 2009; ALMEIDA, 1998; cf. CARVALHO e NASCIMENTO, 1977).

Desta forma, buscar-se-á ampliar a discussão sobre os estudos da classe de pronomes demonstrativos, que ainda parece ser muito restrita no português brasileiro (doravante PB), e as consequências da produção do fenômeno acima descrito, e de seu comportamento no que diz respeito à marcação de gênero e à referência pessoal.

Um possível caminho para tal discussão pode ser encontrado em uma interface sintático-discursiva e entre a morfossintaxe e a pragmática, em um modelo gerativista, como o proposto por Huang (2014), por exemplo, a partir de um viés de Traços (HARBOUR; ADGER; BÉJAR, 2008).

Para isto, procura-se descrever as consequências e como se dá o licenciamento do pronome demonstrativo neutro *isso*, tendo como seus referenciais elementos com traços [+animado] e [+humano], a partir de dados de introspecção testados através de testes de gramaticalidade e aceitabilidade com falantes nativos do PB.

Para a realização da análise do fenômeno do pronome *isso* com referência pessoal, será adotado o método hipotético-dedutivo. Em sua execução, será utilizado o referencial teórico-metodológico da Teoria da Gramática Gerativa proposto por Chomsky (1995, 2000, 2001), mais especificamente com o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 1998, 1999, 2000, 2001a), com ênfase em uma Teoria de Traços (ADGER, D; HARBOUR, D.; BEJAR, S., 2008).

A descrição de uma tipologia de traços terá como base o modelo proposto por Corbett (1991, 2006).

2 DESENVOLVIMENTO

A categoria de gênero no quadro dos pronomes demonstrativos do PB, exposta pelas gramáticas normativas, traz consigo apenas a identificação de uma categoria neutra que se resume a *isto*, *isso* e *aquilo* (cf. ALMEIDA, 1998), sendo os demonstrativos aqueles que denominam a palavra que *localizam* ou *identificam* o substantivo.

Ressalta-se, primeiramente, que os estudos sobre os demonstrativos costumam relaciona-los a uma informação de natureza espacial (cf. Lyons, 1997). Desta forma, o *isso*, sendo a forma neutra de *esse* e *essa*, seria responsável por *localizar* o substantivo enquanto as suas formas marcadas seriam responsáveis por informar morfossintaticamente características como gênero, por exemplo. Sobre este aspecto, Lyons (1977) afirma que

[t]he situation with respect to pronominal deictics is more complex: the so-called third-person singular pronouns ('he', 'she', 'it') are distinguished for gender, but not for proximity, whereas the demonstrative pronouns are distinguished for proximity, and number, but not for gender, and their forms are identical with the forms of the demonstrative adjectives (LYONS, 1977, p. 650)²

Em línguas como o inglês, os pronomes demonstrativos fazem referência à proximidade, mas não a gênero, conforme os dados em (3) e (4):

(3) This pen is yours.

Esta caneta é sua.

(4) That isn't my pen.

Aquela caneta não é minha.

No PB, a classe dos pronomes demonstrativos se comporta de maneira diferente: os demonstrativos marcam não só proximidade, como também gênero e número. Segundo Bechara (2009), os pronomes demonstrativos são responsáveis por indicar a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso, isso é:

1ª pessoa: este, esta, isso (perto de quem fala)

2ª pessoa: esse, essa, isso (longe de quem fala/perto de com quem se fala)

3ª pessoa: aquele, aquela, aquilo (longe de quem fala e de com quem se fala)

Esta situação pode ser observada em (5):

(5) a. Esta aqui é a minha mãe.

b. Esse moço correndo já foi meu professor.

² “A situação com respeito aos dêiticos pronominais é mais complexa: os assim chamados pronomes de terceira pessoa do singular (ele, ela, isso) distinguem-se por gênero, mas não por proximidade, enquanto os pronomes demonstrativos distinguem-se por proximidade, e número, mas não gênero, e suas formas são idênticas às formas dos adjetivos demonstrativos (LYONS, 1977, p. 650, tradução minha)”.

Percebe-se então, que em (5a) o falante se refere a alguém que está próximo a ele, já em (5b), o falante se refere a alguém que está distante dele.

O demonstrativo neutro *isso*³, quando usado para referenciais sem marcação de gênero, como sentenças ou enunciados, por exemplo, consegue dar conta da referencialidade sem que se altere o sentido:

(6) Juliana passou no vestibular, *isso* aconteceu pois ela estudou muito.

No exemplo em (6), pode-se perceber que o *isso* desempenha função de núcleo do determinante (DP), como argumento do verbo *acontecer*, e está se referindo à sentença “Juliana passou no vestibular”, isto é, refere-se a uma *situação*. O mesmo não acontece em (7):

(7) *Isso* não é um cantor, não compõe músicas, só sabe fazer barulho.

Em (7) nota-se que *isso* ocupa a posição de DP da sentença e está fazendo referência a um ser animado e humano que exerce a função social de cantor, desta forma, esse tipo de sentença busca exaltar, ainda mais, uma opinião negativa quanto a alguém.

Cunha (1986), na *Gramática de Língua Portuguesa*, propõe, de forma breve, que valores afetivos podem ser transmitidos através dos pronomes demonstrativos. Isto é possível porque

[o]s demonstrativos reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros “gestos verbais”, acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos. A capacidade de fazerem aproximar ou destacar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos. (CUNHA, 1986, p.328).

Desta forma, no capítulo em que trata dos pronomes demonstrativos, Cunha (1986) sugere que essa categoria pronominal pode expressar diversos sentimentos: “[d]igno de nota é o acentuado valor irônico, por vezes depreciativo dos neutros *isto*, *isso* e *aquilo* (CUNHA, 1986, p.328, grifo meu).

Essa diferença comportamental entre os neutros, neste caso mais especialmente o *isso*, e os pronomes demonstrativos de gênero marcado, parece se dar devido a uma alternância de gênero marcado masculino/feminino para o neutro.

³ A escolha de não trabalhar com os demonstrativos *isto* e *aquilo* neste primeiro momento se deu, pois, para o primeiro demonstrativo em questão é que não há uma clara distinção na produção dos demonstrativos neutros *isto* e *isso*, utiliza-se somente uma ou outra forma. Quanto ao *aquilo*, teríamos outros traços envolvidos além dos traços de gênero e pessoa, onde essa análise inicial não daria conta.

O demonstrativo neutro *isso* acaba também sendo responsável por referenciais com traço [+animado], tanto masculino quanto feminino, o que ocasiona, conseqüentemente, a leitura de outros significados do DP referente.

Como não há no PB um pronome neutro pessoal de terceira pessoa, como ocorre, por exemplo, com o inglês, que concorde com os demonstrativos neutros, por conseguinte, essa leitura pode acarretar em outros significados. Entretanto, a utilização de um pronome demonstrativo neutro, onde deveria haver, segundo prescrições da gramática normativa, um pronome demonstrativo de gênero marcado em seu lugar, não acarreta em agramaticalidade das sentenças, mesmo que o sentido tenha valor mais depreciativo ou irônico.

(8) a. Queria era ver você namorar com *essa* aí!

b. Queria era ver você namorar com *isso* aí!

(9) a. *Esse* é meu primo

b. *Isso* é meu primo.

Pode-se observar que nos exemplos acima, tanto em (8b) quanto em (9b) a produção do demonstrativo neutro para referenciais de traços [+humano] foi possível e gramatical.

Nesses contextos, pode-se inferir que há uma leitura irônica, pejorativa ou restritiva nestes mesmos exemplos, o que, ao contrário de (8a) e (9a) em que há apenas pronomes substantivos demonstrativos que remetem a referenciais [+humano] de gêneros feminino e masculino, respectivamente.

Entretanto, ao tentar utilizar o demonstrativo *isso* para referenciais com traço [+humano] onde não há a tentativa de diminuí-lo ao neutro, a sentença se torna agramatical:

(10) a. *Essa* é uma modelo tão bonita!

b. **Isso* é uma modelo tão bonita!

Em (10b) a produção do *isso* nesse contexto, se torna agramatical, mesmo havendo possibilidade sintática, ela passa a ser semanticamente ruim, pois se torna uma sentença contraditória. Pode-se observar, então, que a produção do *isso* com referência pessoal só pode acontecer em contextos onde o falante busca evidenciar uma avaliação negativa a respeito de alguém.

Isso parece acontecer por conta da redução do traço de morfema de gênero marcado ao traço neutro de gênero, conseqüentemente buscando apagar o traço de [+humano], trazendo assim, ao *isso* um efeito negativo, ou efeito-N (WILTSCHKO, I.; SICHEL, M., 2018). Tal efeito-N de *isso* pode ser analisado em termos de competição com sua contraparte pessoal,

pois esse efeito se restringe a (a) contextos pragmáticos específicos e (b) contextos em que pode substituir um pronome pessoal, como em (11), (12) e (13).

(11) a. *Ela* se acha o último biscoito do pacote.

b. *Isso* se acha o último biscoito do pacote.

(12) a. Você realmente discutiu com *ele*?

b. Você realmente discutiu com *isso*?

(13) a. Você estava pegando *ela*.

b. Você estava pegando *isso*.

O efeito-N de *isso* para referência pessoal no PB, além de excluir o referente do discurso, como proposto por Wiltschko e Sichel (2018), também reduz o morfema de gênero ao neutro. Porém, a própria concepção de haver ou não uma categoria de gênero neutro no PB está dividida entre os gramáticos e linguistas⁴.

Ao verificar nas gramáticas normativas definições dos pronomes demonstrativos, pode-se observar que há uma dualidade entre a concepção de neutro no PB. Segundo Câmara Jr. (1973, p.78), a própria noção de gênero, dentro das gramáticas normativas, se faz de forma muito arbitrária, ou “(...) incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português (...)” em que se é colocada a flexão de gênero.

Para gramáticos como João de Barros (1540) e Almeida (1998), o que há são resquícios desse neutro latino, evidenciados de forma sucinta na classe de pronomes demonstrativos através do *isto*, *isso* e *aquilo* no português.

Já para autores como Bechara (2009), a existência desse tipo de categoria neutra não existiria no PB, afirmando que, exceto *esta*, *essa* e *aquela*, todos os outros pronomes demonstrativos são masculinos, no caso do gênero gramatical nos pronomes, porém chama a atenção ao fato de que, alguns gramáticos, consideram os demonstrativos *isso*, *isto* e *aquilo* como remanescentes do neutro latino. Carvalho e Nascimento (1977, p.82) colocam as classes de pronomes demonstrativos e indefinidos como vestígios dos nomes neutros do latim vulgar.

Legdeway (2012), em seus estudos sobre as línguas românicas, também atesta que há a categoria de gênero neutro dentro dos demonstrativos da língua portuguesa. Entretanto, autores como Bechara (2009) negam a existência de uma categoria neutra em português apesar de mencionar que “tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino”.

⁴ No presente artigo, toma-se o demonstrativo *isso* como um remanescente do neutro latino, com base em Carvalho e Nascimento (1977), Câmara Júnior (1979), Almeida (1998) e Legdeway (2012).

Os estudos de Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1979), Almeida (1998) e Legdey (2012) atestam que há o gênero neutro dentro dos pronomes demonstrativos e trabalham com as definições de gênero dentro do PB. Deste modo, procurar-se-á analisar os contextos de licenciamento que favorecem a produção do pronome demonstrativo neutro *isso* que parece, a princípio, se manifestar muito mais através de traços semântico-pragmáticos do que, de fato, através de formas locativas e pessoais, de espaço e de tempo, como propõem algumas gramáticas normativas.

No inglês, caso semelhante, porém no sentido inverso, acontece na passagem do gênero neutro de primeira pessoa (*it*) para o gênero masculino ou feminino: há um pronome pessoal responsável pelos humanos do sexo masculino (*he*), um pronome pessoal responsável pelos humanos do sexo feminino (*she*) e para todas as outras coisas o (*it*).

Acontece que animais domésticos - ou mesmo animais de histórias infantis - tendem a ser chamados pelos falantes naturais da língua através das formas de gênero marcado, isso se dá por fatores afetivos dos donos com os animais (cf. COBERTT, 1991, p.12).

Entretanto, esse tipo de produção não estaria restrita apenas a seres [-humano], [+animado] mas também a seres [-humano], [-animado], como no exemplo em (14), proposto por Cobertt (1991, p.12), onde há uma situação de um adolescente que está dando um alerta a um surfista se referindo a uma onda:

(14) Catch her at her height!

Pegue ela em ela altura

Pegue-a na sua crista!

Assim, apontam-se como hipóteses para o licenciamento do demonstrativo neutro com referenciais de gêneros marcados:

- a) o comportamento do pronome demonstrativo neutro *isso* no PB, com referenciais [+animado] e [+humano], parece trazer consigo outras cargas semânticas como sentido pejorativo ou restritivo.
- b) este tipo de comportamento parece acontecer pelo fato do pronome *isso* variar de gênero neutro para as formas marcadas masculino/feminino sem que haja um reflexo morfológico. Ou seja, o *isso* ocupa um lugar onde deveria haver um demonstrativo de gênero marcado, e apesar de não mudar morfológicamente acaba por trazer outros significados devido à pragmática.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses contextos são específicos e parecem partir de um efeito-N, ou seja, um pronome demonstrativo com efeito negativo (WILTCHKO, I.; SICHEL, M., 2018).

A competição entre o demonstrativo *isso* com as suas contrapartes com morfologia de gênero marcada é uma condição necessária para que se tenha o efeito-N.

A utilização do *isso* se dá em contextos específicos, onde o falante busca evidenciar uma avaliação negativa a respeito de alguém que não participa do discurso.

Isso reflete um comportamento sintático diferente dos outros demonstrativos. A leitura negativa do demonstrativo parece ser o resultado de uma interface sintático-discursiva, pois tal efeito se restringe a (a) a contextos pragmáticos específicos e (b) contextos em que se pode substituir um pronome pessoal.

A utilização de um pronome demonstrativo sem morfema de gênero, onde deveria haver, segundo prescrições da gramática normativa, um pronome demonstrativo de gênero marcado em seu lugar, não acarreta em agramaticalidade das sentenças, entretanto, apresenta uma leitura mais depreciativa ou irônica.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à Universidade Federal da Bahia e ao PPGLinC pela oportunidade de fazer pesquisa em Linguística, e FAPESB pelo apoio financeiro que viabilizou esse trabalho, sem essa ajuda não seria possível seguir esse caminho.

REFERÊNCIAS

ADGER, D.; HARBOUR, D.; BEJAR, S. **Phi-theory: Phi-Features Across Modules and Interfaces**. New York: Oxford University Press, 2008.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1998.

BARROS, João de. **Grammatica da Língua Portuguesa**. Arquivo Público: Biblioteca da Ajuda, 1540. Disponível em: www.estacaodaluz.org.br. Acesso em mai. 2016.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, D.; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica: para o 2º grau e vestibulares**. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 1977.

CARVALHO, D. **A Estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFAL, Alagoas, 2008.

CHOMSKY, N. **Minimalist program**. Cambridge: MA MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. **Minimalist inquiries: The framework**. Cambridge: Mass, 1998.

CHOMSKY, N. **Derivation by phase**. **MIT Occasional Papers in Linguistics**. v.18. Cambridge: MA MIT Working Paper in Linguistics, 1999.

CHOMSKY, N. **Minimalist Inquiries: the framework**. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, Number 15. MIT, 2000.

CHOMSKY, N. **Derivation by Phase**. Working Paper, MIT, 2001a.

CHOMSKY, N. **On nature and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

COBERTT, G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

COBERTT, G. **Agreement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Feriame, 1986.

HUANG, Y. **Pragmatics**. 2. ed. Oxford University Press, 2014.

LEDGEWAY, A. **From latin to romance: Morphosyntactic Typology and Change**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

LYONS, J. **Semantics**. v.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel, rev. e superv. de Isaac N. Salum. São Paulo: Nacional, 1979.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SICHEL, I.; WILTSCHKO, M. **Demonstrative pronouns and the linguistic encoding of appraisal**. In Wm. G. Bennet, L. Hrac, and D. Ryan (eds.) *Proceedings of the 36th West Coast Conference in Linguistics: Cascadilla press*, 2018. p. 365-373.